

BOOM LATINO-AMERICANO: POR QUE OS ESCRITORES BRASILEIROS FORAM “ESQUECIDOS” DURANTE ESSE PERÍODO?

Latin American *Boom*: why the Brazilian writers blew over “forgotten” during this period?

Laís Gerotto de Freitas Valentim¹
<https://orcid.org/0000-0002-4708-3128> 

Fernanda Reis da Rocha¹
<https://orcid.org/0000-0002-9984-5323> 

¹Universidade Presbiteriana Mackenzie, Programa de Pós-graduação em Letras, São Paulo, SP, Brasil. 01221-040– letras.pos@mackenzie.br

Resumo: Este trabalho tem por objetivo averiguar a ausência dos escritores brasileiros Clarice Lispector, João Guimarães Rosa, Jorge Amado e Érico Veríssimo, este último incluído por nós, no período do *Boom* latino-americano, propondo uma reflexão à questão. Sabemos que esta foi uma era muito importante para a América Latina, por meio da qual os escritores latino-americanos passaram a ser conhecidos no mundo inteiro e adquiriram respeito e notoriedade principalmente na Europa e nos EUA, porém, o Brasil não foi incluído na lista; por tal motivo, levantaremos uma discussão, também, sobre os fatores que levaram a esse “esquecimento”, propondo reflexões importantes. Para tal estudo, utilizamos como *corpus* de análise teses, dissertações, ensaios, artigos e matérias jornalísticas e consultas a alguns sites importantes; sendo todos estes materiais listados ao longo da discussão aqui proposta.

Palavras-chave: América Latina; *Boom* latino-americano; Clarice Lispector; Guimarães Rosa; Jorge Amado.

Abstract: This paper aims to investigate the absence of the Brazilian writers Clarice Lispector, João Guimarães Rosa, Jorge Amado and Érico Veríssimo, who was included by us, in the period of Latin American *Boom*, rendering a discussion about the question. We know that the Latin American *Boom* was important for Latin America, because this period had a knowledge of the writers of *Boom* and a respect of them in Europe and USA, but Brazil was not included on the list. For this, we will be indicate the aspects that of “forgetting” of Brazilian writers and we will be proposed important reflections about this. For this research, we will utilized máster thesis, doctoral dissertations, essays, papers, articles and some sites, these materials were mentioned in this discussion proposed.

Keywords: Latin America; Latin American *Boom*; Clarice Lispector; Guimarães Rosa; Jorge Amado.

Introdução

A literatura latino-americana tem uma pluralidade de escritores, que abordam temáticas diversas, porém, foi somente a partir do chamado *Boom* latino-americano que

muitos autores latino-americanos passaram a ter reconhecimento internacional e admiradores ao redor do mundo. Diversos foram os fatores que contribuíram para tal contexto, dentre eles, o fato de haver uma ampla divulgação dos literatos nas Universidades norte-americanas e europeias. Posteriormente, veremos mais aspectos semelhantes.

Importante ater-nos ao fato de que o período, tão famoso e estudado até os dias atuais, deixou consequências positivas no continente, mas desconsiderou grandes nomes da literatura brasileira como Clarice Lispector, João Guimarães Rosa, Jorge Amado – ainda que com algumas traduções fora do país – e, também, Érico Veríssimo. As razões para isso são variadas e iremos problematizar algumas delas ao longo desse estudo, realizando um trabalho de revisão bibliográfica ao invés de uma análise propriamente dita. É válido considerar que o abismo entre o Brasil e o restante da América Latina existe, pois somos um pouco isolados cultural e linguisticamente falando dos nossos países vizinhos sul-americanos de língua espanhola, assim como do restante dos países hispanófonos da América Central e do Norte (México), em virtude de sermos o único país falante de língua portuguesa na América – contudo, Emir Rodriguez Monegal (1972), Mayra Herra (1989), Cristhiano Aguiar (2014) e Caroline Ferreira Soares (2015), dentre outros estudiosos, sugerem uma “reparação histórica” com a entrada de alguns dos nossos escritores nesse seletivo grupo.

Utilizando a metodologia bibliográfica, consultamos os materiais de Emir Rodriguez Monegal (1972), de Mayra Herra¹ (1989), de Adriane Vidal Costa (2001), de Raquel de Araújo Serrão (2013), de Cristhiano Aguiar (2014), de Caroline Ferreira Soares (2015) e de Henriete Karam; Angela Espíndola (2020).

Esse estudo é um desdobramento de *O casal de protagonistas em De amor e de sombra, de Isabel Allende: uma análise* (2022), e, por isso, tal Dissertação consta também nas nossas referências bibliográficas.

Faremos, a seguir, uma análise teórico-analítica sobre o *Boom* latino-americano e seus respectivos escritores.

A ausência dos escritores brasileiros no *Boom* latino-americano: causas e consequências

Antes de adentrarmos na questão da ausência dos escritores brasileiros no *Boom* latino-americano, vale lembrar que tal período abarcaria, segundo Mayra Herra (1989) e Emir Rodriguez Monegal, as décadas de 1960 e meados dos anos 1970 – uma vez que o movimento começou a entrar em decadência em 1975. O contexto histórico da América Latina nesses decênios era de uma série de governos autoritários e violentos: o Brasil, por exemplo, experimentou vinte e um anos de uma ferrenha ditadura militar (1964-1985); já Cuba, por outro lado, vivenciava uma Revolução socialista liderada por Fidel Castro e apoiada por vários escritores latino-americanos por causa dos ideais que ele pregava. Por

¹ As traduções referentes aos excertos de Mayra Herra são nossas nas citações.

conta disso, Cuba virou o “centro cultural” da América Latina.

Apesar de ser um grande movimento da época, o *Boom* foi restritivo, ou seja, poucos autores figuraram como parte dele conforme observamos abaixo:

Para alguns críticos literários e escritores, o *boom* reduziu a literatura latino-americana a umas poucas figuras do gênero narrativo sobre as quais concentraram-se os holofotes, ignorando, dessa forma, outros escritores que acabaram ficando à margem ou na segunda fila. O *boom* foi visto, nesse contexto, como uma terminologia do marketing norte-americano para designar uma alta brusca nas vendas de um determinado produto nas sociedades de consumo. (COSTA, 2001, p. 11)

Entretanto, é impossível desconsiderar a qualidade da literatura latino-americana, independentemente da questão comercial. Por mais que tenha havido uma comercialidade maior das obras desses autores, estas tinham enredos muito bem construídos e apresentavam riqueza temática e de conteúdo.

Partiremos, agora, para a nossa problematização, cotejando seus aspectos principais com relação aos critérios elencados.

O primeiro ponto a ser considerado é que, na década de 60, quase todos os países da América Latina, inclusive o Brasil, viviam uma situação política antidemocrática, marcada pela censura, pela opressão e pela ausência de liberdade. A Revolução Cubana foi, então, um dos pontos centrais considerados pelos escritores hispano-americanos ao embrenharem-se em uma “[literatura de denúncia social e que os levou a crer no potencial que tinham.]” (HERRA, 1989, p. 10).

Adriane Vidal Costa revela-nos que “havia um clima de tensão político no continente, em que a Revolução Cubana era o ‘ponto de partida’ para o poder transformador da literatura” (COSTA, 2001, p. 1). De fato, ela tem razão, pois Cuba, como dito anteriormente, virou o “centro cultural” da América Latina e a revolução era uma forma de transformar a comunidade latino-americana de uma maneira geral, propondo novas ideias políticas.

Muitos escritores latino-americanos como Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes – embora este em alguns momentos criticasse o regime de Cuba – e Mario Vargas Llosa, a princípio, eram adeptos ao regime socialista de Fidel Castro. Com o surgimento da *Casa de las Américas* em Cuba, a divulgação destes tornou-se, segundo Costa (2001), constante. Nesse ambiente, no qual variadas produções artísticas (música, pintura, teatro etc.) podiam ser encontradas, havia também as obras de García Márquez e Vargas Llosa; vinculada a esse espaço, criou-se ainda uma revista de mesmo nome, em que era possível encontrar informações a respeito da literatura latino-americana. O espaço ainda existe, assim como o periódico e os eventos que dele fazem parte.

A pergunta que fazemos é se no Brasil havia um espaço semelhante a esse para a divulgação dos nossos escritores brasileiros; além disso, Jorge Amado, Clarice Lispector, João Guimarães Rosa e Érico Veríssimo não tinham suas produções divulgadas em *La Casa de las Américas*, e vale lembrar também que Jorge Amado, por exemplo, viveu muitos anos no exílio na Europa – sem retornar à América – por causa da ditadura militar existente



no Brasil, muitos de seus livros foram queimados pela ditadura varguista conforme é sabido. É certo que Amado tinha traduções de suas obras em alguns países da Europa devido às adaptações cinematográficas que eram vendidas no mundo, mas, mesmo assim, isso não o alçou a um grande posto como o de outros escritores, a exemplo de Gabriel García Márquez.

Para Costa (2001, p. 1): “os escritores estavam a favor do movimento revolucionário em Cuba” e continua dizendo em seu artigo que “havia um ‘rechaçamento’, por parte deles, do realismo russo, em contrapartida, havia a adoção deles próprios do realismo mágico e maravilhoso”. Segundo ela mesma afirma:

Para muitos escritores, o *boom* não foi apenas um fenômeno comercial, mas também a oportunidade de apoiar decididamente as revoluções e os projetos socialistas na América Latina. Nesse período, foram produzidos vários livros de alto valor literário que ganharam projeção internacional. (COSTA, 2001, p. 1, grifos da autora)

De fato, as colocações da pesquisadora são válidas, pois “a irrupção da Revolução Cubana motivou inúmeros leitores mundo afora a conhecer a literatura, a cultura e a história latino-americanas” (COSTA, 2001, p. 2) e continua: “a Revolução Cubana tinha o papel de promover os escritores latino-americanos ou eles que ‘se aproveitaram’ do movimento para ascender? Mais aceitável que seja a primeira hipótese.” (COSTA, 2001, p. 7).

A segunda questão a ser problematizada é o fato de o Brasil utilizar um idioma diverso dos demais países; nós, brasileiros, somos falantes de língua portuguesa e isso, por si só, é motivo de isolamento – ainda que de maneira inconsciente – cultural e linguístico, visto o conseqüente comprometimento da comunicação entre os povos: temos costumes e “falares” diferentes. Tal discussão precisa ser pensada, pois, como afirma a pesquisadora Caroline Ferreira Soares:

É notável a escassez de nomes da literatura brasileira nesta relação, porém acredito que criar um subcapítulo somente para ela apenas evidenciaria o distanciamento literário e cultural entre Brasil e a América Hispânica, de modo que prefiro deixá-los figurando “naturalmente” entre os demais. (SOARES, 2015, p. 5-6)

O terceiro ponto a ser ponderado é que os escritores hispano-americanos tinham um sentimento de irmandade entre si e, por falarem a mesma língua e terem uma cultura parecida, divulgavam uns aos outros: “Os principais escritores do *boom* formavam um grupo coeso que agia conjuntamente, trocando correspondências e indicando textos e obras uns dos outros para publicações.” (COSTA, 2001, p. 5, grifos da autora). Reforçamos, ademais, que a população de seus respectivos países acreditava em seu potencial.

Perguntamos ao leitor: o mesmo acontecia em solo nacional, ou seja, havia essa cooperação entre nossos literatos? A população brasileira apoiava seus artistas e intelectuais? Dentre um dos motivos, ressaltamos que a exposição e circulação das obras de nossos escritores, tanto por parte dos intelectuais quanto por parte dos leitores, era

raridade em virtude do Brasil viver uma ditadura, época em que a censura imperava e o exílio poderia tornar-se o destino de qualquer cidadão abertamente contrário ao regime vigente – como foi o caso de Jorge Amado. Resumindo, diversas produções não eram – e nem poderiam – ser lidas, quiçá divulgadas e apoiadas por qualquer segmento social.

Além disso, ser o único país falante de língua portuguesa no continente americano também prejudicava tal contexto, porque não havia uma união entre os escritores brasileiros como havia entre os demais países da América Latina.

O fator comercial do *Boom* é outro quesito a ser comentado. Os responsáveis pelo impulso das vendas dos livros na Europa e nos EUA foram, para citar dois grandes nomes, Carlos Barral e Carlos Fuentes (HERRA, 1989). A Casa editorial Seix Barral, fundada por Carlos Barral, destacou-se como uma das maiores fontes de propaganda dos escritores hispano-americanos na Espanha, país que divulgava amplamente artistas hispanos, não importando sua nacionalidade (HERRA, 1989), ou seja, escritores dos países da América Central e da América do Sul eram contemplados.

Portugal, ao contrário, não fazia o mesmo com o Brasil; mas será que ali havia uma grande casa editorial como a mencionada? Fato é que nossos autores não são – ou não eram, tendo em vista a crença de esse cenário estar mudando – tão expostos fora daqui conforme já aludimos e como vemos na matéria abaixo:

Nenhum brasileiro nessas listas, está claro. Nossos maiores, Machado de Assis e Guimarães Rosa, Carlos Drummond e João Cabral mais Nelson Rodrigues, nunca aconteceram fora do mundo da língua portuguesa, salvo no circuito acadêmico, em que são apreciados. Não lhes falta originalidade, nem amplitude de visão das coisas, nem excelência estética; mas o português não existe como veículo de cultura letrada, e o Brasil muito pouco faz para divulgar esse patrimônio fora daqui. (O gênero artístico que está fazendo milhares estudarem português mundo afora é a canção, nossa arte letrada de maior impacto aqui e fora daqui.) (GAUCHA ZH, 2014, on-line)

Contudo, percebemos que, em 1972, Jorge Luís Borges teve suas obras traduzidas para o francês e o inglês; os escritores Jorge Amado e João Guimarães Rosa têm suas obras traduzidas na Alemanha (fato a ser comemorado) – Jorge Amado tinha alguns de seus livros traduzidos fora do Brasil, mas, como já dissemos, não foi algo que o colocou entre os grandes escritores – e Ernesto Sábato e Manuel Puig, na Itália, segundo Herra (1989). Ela faz, em seu artigo, um balanço da literatura e menciona a não-inclusão de escritores brasileiros, como os já citados acima, e de Clarice Lispector. Demais críticos, a exemplo do professor, escritor e crítico literário Cristhiano Aguiar, também consideram esses escritores brasileiros como parte desse fenômeno:

Chama a atenção o tom eufórico, no qual temos tanto uma apologia da entrada da literatura em um mercado globalizado, como uma afirmação de uma suposta maturidade intelectual latino-americana alcançada justamente pela geração do *Boom* e por seus precursores meticulosamente escolhidos. Não se trata de negar o mérito e a qualidade de algumas obras dos autores associados com maior frequência ao *Boom* e ao pré-*Boom*, nem de diminuir

sua importância e interesse. A retórica de “divisor de águas”, contudo, deve ser evitada, porque não apenas ela subestima os autores cujas obras não se adequavam aos pressupostos do *Boom*, como também reescreve a história da literatura em um tom evolucionista e autolegitimador. (AGUIAR, 2014, p. 158, grifos do autor)

“Reescrever a história”, como sugere Aguiar, é importante e também necessário que haja um tom “evolucionista e autolegitimador” como ele mesmo diz. Continua a discussão em outro excerto:

A dicotomia do “compromisso o formalismo”, por exemplo, existe inclusive no debate atual sobre literatura, por isso não só não foi superada pelo *Boom*, como se estabeleceu em diferentes países com as mais variadas matizes e complexidades. Recentemente, participando da Feira de Frankfurt em 2012, Milton Hatoum apontou o Brasil como uma das principais “vítimas” do proporcionado pelo *Boom*. (AGUIAR, 2014, p. 158, grifos do autor)

O *Boom* foi um movimento estabelecido em vários países e muito plural, com características variadas e complexas conforme Aguiar afirma. E, em seguida, completa:

De fato, não obstante autores como João Guimarães Rosa, Dalton Trevisan, Clarice Lispector e Graciliano Ramos serem citados nos ensaios de um livro como *América Latina em sua Literatura*, o esforço analítico contido nos textos pouco se deteve neles. Outra das injustiças, como foi apontado antes, é a obscuridade, durante duas décadas, da carreira de Juan José Saer. (AGUIAR, 2014, p. 158)

De fato, como vimos nas afirmações acima, o Brasil não foi incluído nessa era embora alguns estudiosos defendam que Clarice Lispector, Jorge Amado, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos mereçam uma “reparação histórica” em razão da inovação temática e escrita por eles trazida à Literatura como Arte. Reparar historicamente nesse caso significa reconhecermos que tais escritores faziam parte movimento do *Boom* latino-americano mesmo que não tenham sido incluídos nele na época, pois apenas anos depois os críticos literários mencionarão seus nomes em seus livros, artigos etc.

Monegal, em seu ensaio, afirma que Jorge Amado, por exemplo, utiliza muito bem a denúncia social – uma das características do *Boom* –, de protesto, em sua obra:

Um movimento um tanto posterior, que se concentra em torno das investigações sociológicas de Gilberto Freyre, e que terá de ser desenvolvido sobretudo no Nordeste, dará a forma, desde os anos trinta, ao *romance da terra, ao romance de protesto e de denúncia, ao romance do espaço sideral*. Nomes como Graciliano Ramos, Raquel de Queiróz, José Lins do Rêgo e *Jorge Amado* ilustram este movimento, que conquista definitivamente o Brasil e é paralelo, embora um pouco mais moderno, ao movimento hispano-americano de Gallegos e os demais. *Esse movimento será elevado a nível internacional na obra de Guimarães Rosa, que, de forma esplêndida, une tais elementos em vários livros de contos e romances, mas especialmente em Grande Sertão: Veredas (1956), todo o romance brasileiro. Já com Rosa estamos em pleno boom*. (MONEGAL, 1972, p. 52. Tradução nossa, grifos nossos)



Para Monegal, Rosa e Amado utilizam muito bem em suas obras a temática e a forma propostas pelo movimento do *Boom* latino-americano, sendo que aquele eleva a outro patamar a literatura brasileira com *Grande Sertão: Veredas*, tamanha é a sua maestria. Nela, haverá não só elementos de denúncia social, mas neologismos e jogos de palavras peculiares e inovadores.

Jorge Amado, escritor modernista da geração de 30, alavanca as vendas de seus livros a partir do *Boom*, denotando não só a qualidade de suas obras, mas também o sucesso que fazem até hoje:

No Brasil, o êxito dos romancistas do Nordeste, particularmente de Graciliano Ramos, José Lins do Rêgo e Jorge Amado, consolidou-se. As primeiras edições de seus romances, editadas pela José Olympio nos anos trinta e quarenta, aumentou nos anos cinquenta com coleções de obras completas em volumes que se reimprimem constantemente. (MONEGAL, 1972, p. 13. Tradução nossa, grifos nossos)

Apesar do reconhecimento de Monegal e outros críticos aos escritores brasileiros, o Brasil ficou isolado do movimento. Jorge Amado e os demais citados acima tinham uma preocupação social com relação aos problemas do país e retratavam-nos em seus escritos; quanto à forma que utilizavam, eram propostas inovadoras, estratégicas e importantes, todas essas características mencionadas – denúncia social, conteúdo e forma inovadores – estão presentes no *Boom*. O sucesso editorial dos livros acabou sendo uma consequência da qualidade desses manuscritos e sua identificação com o público-leitor.

Segundo Herra (1989), as obras dos escritores do *Boom* ganham tamanha visibilidade que, a partir dos anos 60, cineastas famosos europeus e norte-americanos realizaram adaptações cinematográficas utilizando-as como base fundamental. Esse fato é notável, já que tal produto cultural alcança os mais variados e múltiplos territórios e é consumido por milhares de pessoas ao redor do mundo, despertando nelas – não raramente – o interesse literário. Ela exemplifica algumas obras e cineastas, vejamos:

Em 1966, o cineasta italiano Michelangelo Antonioni filmou *Blow up*, baseado em um conto de Julio Cortázar “As babas do diabo”. Também Jean Claude Goddard filmou em 1968 *Week end*, explorando o conto de Cortázar “La autopista del sur”. Em Alphaville, de 1965, o mesmo cineasta utilizou temas e frases tomadas do texto de Borges *Nueva reputación del tempo*, publicado em 1967. (HERRA, 1989, p. 11. Tradução nossa, grifos nossos)

O quinto, e talvez último, ponto a ser debatido relaciona-se aos Prêmios Fomentor e Biblioteca Breve de Novela, citados por Mayra Herra (1989), famosos na Espanha e dados também a escritores hispano-americanos. Havia, em Portugal, um Prêmio parecido na época? O que sabemos é que o Prêmio Camões de Literatura, o mais importante de língua portuguesa concedida a um escritor de país lusófono e correspondente a estes, foi instituído apenas em 1988, como podemos ver no site da Biblioteca Nacional.

Ainda segundo Herra (1989), o Prêmio Biblioteca Breve, famoso na Espanha, é outorgado durante toda a década de 60 aos literatos hispano-americanos. Fato a ser

comemorado, pois é, talvez, o maior prêmio que existe no país e um dos de maior relevância para o mundo literário.

Por tudo já citado por Mayra Herra e seguindo a sua análise (1989), crescem a bibliografia crítica sobre o assunto, além do material bibliográfico e as discussões acadêmicas nos EUA e na Europa, ou seja, a literatura latino-americana passa a ser valorizada na Academia.

Ainda sobre o *Boom*, é incontestável que tal movimento foi responsável pela ascensão dos autores latino-americanos (ou diríamos hispano-americanos pelo fato de o Brasil não ter sido incluído nele?) no mundo e por estes terem alcançado reconhecimento na Europa e nos Estados Unidos. Porém, o termo em si soa de maneira negativa para alguns por ser de origem inglesa e ter um sentido um tanto quanto pejorativo; sobre isso, Costa afirma:

Para Cortázar (1973:15), um dos aspectos positivos do *boom* foi mostrar aos europeus que a América Latina também era um território literário e não apenas um lugar onde se 'produzia golpes de estados e domavam-se potros'. Ele também criticou o uso da palavra *boom* por ser de origem inglesa, aplicada ao contexto latino-americano. Contudo, não foi o único a polemizar sobre o uso do termo. Para José Donoso (1983:12-13), o vocábulo nada tinha de neutro, pelo contrário, estava carregado de conotações pejorativas, pois *boom* é uma onomatopéia que significa estalido, porém o tempo lhe tem agregado o sentido de falsidade, de erupção que sai do nada e tem curta duração. (COSTA, 2001, p. 3, grifos da autora)

Além disso, Cortázar "acreditava ser o leitor-cúmplice o responsável pelo *Boom* latino-americano e não os editores nem críticos literários, pois, sem os leitores, as obras não seriam lidas nem conhecidas" (COSTA, 2001, p. 3).

De fato, os leitores contribuíram para o *Boom* latino-americano tornar-se um movimento de sucesso, pois houve um aumento de vendas dos livros, como já observamos, inclusive, as obras eram lidas em ambientes acadêmicos para estudos e debates.

Discorrendo mais sobre tal contexto, e indo ao encontro de Henriete Karam e Angela Espindola, "a explicação para a imposição linguística que sofreram os países da América Latina foi a colonização" (KARAM; ESPINDOLA, 2020, p. 5-6), e "por conta de todo esse processo colonial, existe a não-valorização da nossa cultura por nossa parte como latino-americanos" (KARAM; ESPINDOLA, 2020, p. 5-6). Considerando, ainda, a colonização, temos:

[o fortalecimento do processo de conscientização identitária, desencadeado no campo literário pelo realismo social; a consolidação de uma estética das idiosincrasias latino-americanas e o reconhecimento das literaturas latino-americanas no âmbito internacional e sua legitimação.] (KARAM; ESPINDOLA, 2020, p. 6)

Levando em conta as produções literárias, por sua vez, observamos:

[um quarto elemento que poderia inviabilizar a articulação de tais fatores: a restrição à liberdade de expressão no cenário das ditaduras políticas que,

nesse período histórico, assolaram os países da América Latina. O efeito desse quarto elemento é decisivo pois, ao que tudo indica, a restrição à liberdade de expressão teria atuado como mola propulsora da criatividade, na qual o fantástico e o maravilhoso vêm desempenhar relevante papel.] (KARAM; ESPINDOLA, 2020, p. 6)

Considerando as vastas produções literárias e algumas das características do *Boom*, “fazer denúncia social por meio do contexto histórico em que vivia a América Latina (praticamente toda imersa em Ditaduras); além da retratação do realismo mágico e maravilhoso” (HERRA, 1989, p. 11-19) era algo comum, podemos dizer que os escritores brasileiros Jorge Amado, Guimarães Rosa – adepto do neologismo, outra característica do *Boom* citada por Herra – e Érico Veríssimo faziam denúncia social sempre, sendo que estes dois últimos utilizavam, ainda, realismo mágico nas suas produções. Vejamos o que dizem Karam e Espindola sobre Érico Veríssimo:

Voltemos a *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo, obra que se insere na estética do realismo mágico e que foi publicada no auge da ditadura militar, como acima exposto. Certamente, sua comicidade e dramaticidade dão-lhe um tom subliminarmente de denúncia das mazelas de uma sociedade.

(...)

A cena do depoimento de João Paz, que encontramos na narrativa de *Incidente em Antares*, obra publicada em plena ditadura militar, é emblemática para a construção do argumento central que estamos aqui desenvolvendo: há uma especificidade na cultura (e na literatura) latino-americana delineando os contornos dos estudos e pesquisas em Direito e Literatura. O boom latino-americano não foi um movimento polifônico, no seu sentido autêntico. (KARAM; ESPINDOLA, 2020, p. 16-17)

A nossa opção por incluir Veríssimo na lista de escritores brasileiros “esquecidos” pelo *Boom* decorre da temática retratada em suas obras, principalmente em *Incidente em Antares* (1971), citada pelas críticas Karam e Espíndola, e do modo pelo qual o realismo mágico – o correto, na verdade, é usar realismo maravilhoso, que é o termo utilizado pelos demais críticos latino-americanos como Irlemar Chiampi e Nestor García Canclíni e não realismo mágico como usado pelas estudiosas Karam e Espíndola – é empregado como instrumento a fim expressar a cena política e social de nosso país ao longo dos anos ditatoriais – a opressão, a violência, o crescimento industrial ocorrido no período etc.

Mayra Herra inclui ainda Clarice Lispector ao lado dos demais escritores brasileiros mencionados como escritora que deve figurar no período do *Boom* latino-americano não só pela temática que ela aborda, mas pela inovação das suas obras, que apresentam fluxo de consciência com muita descrição psicológica de personagens – outra característica do *Boom*.

Demais críticos citados por nós ao longo desse trabalho fizeram isso também como afirma Hatoum (*apud* AGUIAR, 2014, p. 158) na citação seguinte:

Assim como [o Brasil] ficou à margem do boom latino-americano dos anos 1960, 1970, que, na verdade foi o hispano-americano – com García Márquez, [Julio] Cortázar, [Carlos] Fuentes e não Graciliano Ramos, Clarice

Lispector e Guimarães Rosa. Acho que a homenagem ao Brasil em 2013 na Feira de Frankfurt pode corrigir essa injustiça literária.

Aguiar (2014, p. 158), em outro excerto, afirma sobre o mesmo assunto:

De fato, não obstante autores como João Guimarães Rosa, Dalton Trevisan, Clarice Lispector e Graciliano Ramos serem citados nos ensaios de um livro como América Latina em sua literatura, o esforço analítico dos textos pouco se deteve neles.

Obviamente que as produções desses artistas brasileiros apresentam outros aspectos a serem destacados e que os fariam adentrar no “restrito” grupo do *Boom* latino-americano, mas o fato de a maioria dos estudiosos citarem-nos nesse movimento denota um avanço na aproximação entre os latino-americanos.

Conclusões

Muitos foram os aspectos revisitados para a não-inclusão dos escritores brasileiros na lista do *Boom* latino-americano, problematizando assim a questão; são eles: a criação em Cuba da *Casa de las Américas*, em que os escritores podiam divulgar suas obras e a Revolução Cubana, importante para o “despertar” dos literatos. No Brasil, não havia espaço semelhante de divulgação; o português como língua oficial do Brasil é motivo, ainda que inconscientemente, de isolamento cultural e linguístico do restante dos países da América Latina; os escritores hispano-americanos eram divulgados uns pelos outros e lidos por sua população, algo que não ocorria com os escritores brasileiros devido à censura, um dos expoentes da ditadura existente aqui; a Casa editorial Seix Barral era uma fonte de divulgação dos escritores hispano-americanos e não existia em Portugal editora semelhante que fizesse isso com os escritores brasileiros; e, por fim, os prêmios literários existentes na Espanha não tinham correspondentes em Portugal na época.

À medida que a distância histórica ocorre, permite que percebamos algumas “falhas” do movimento do *Boom*, sendo uma delas a não-inclusão dos nossos escritores e percebida por muitos críticos. Clarice Lispector, João Guimarães Rosa, Jorge Amado e Érico Veríssimo foram igualmente importantes para a literatura e são lembrados por muitos críticos literários, a exemplo de Emir Rodríguez Monegal, além de serem inseridos simbolicamente por meio de uma “reparação histórica” na lista do movimento literário do *Boom*.

Nossa intenção aqui não foi, de forma alguma, diminuir esse movimento tão importante para a literatura latino-americana. Pelo contrário, ele é motivo de honra para nós, latino-americanos, por vermos que os escritores do continente tiveram seu valor devidamente reconhecido mundialmente, mas uma reparação histórica é necessária, a fim de se problematizar o “esquecimento” da literatura brasileira, que não é menos relevante, interessante nem menos rica do que a hispano-americana. Esperamos que essa pesquisa resulte em contribuições à literatura.



Referências

GAUCHA ZH. Adeus a Gabo: Escritores brasileiros ficaram de fora do boom hispano-americano que revelou García Márquez – Geração do autor colombiano arrebatou a opinião leitora na Europa, GauchaZH – GHZ, 2014. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2014/04/escritores-brasileiros-ficaram-de-fora-do-boom-hispano-americano-que-revelou-garcia-marquez-4479413.html#:~:text=S%C3%A3o%20tr%C3%AAs%2C%20talvez%20dois%3A%20pela,no%20M%C3%A9xico%2C%20aos%2087%20anos>. Acesso em: 27 abr. 2022.

AGUIAR, Cristhiano Motta. Milton Hatoum e Juan José Saer: contextualizações comparativas. In: MOTTA, Cristhiano Aguiar. Narrar um lugar: espaço ficcional e sua problematização em Cinzas do Norte, de Milton Hatoum, e Nadie Nada Nunca, de Juan José Saer. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo. 2014, p. 144-180. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/browse?type=author&value=Aguiar%2C+Cristhiano+Motta> Acesso em 06 dez 2020.

COSTA, Adriane Vidal. Os intelectuais, o boom da literatura latino-americana e a Revolução Cubana. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, jul. 2001, p. 01-15. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300848079_ARQUIVO_TextoANPUHAdrianeCosta.pdf. Acesso em: 14 fev. 2022.

HERRA, Mayra. El “Boom” de la literatura latinoamericana: causas, contextos y consecuencias. San Ramón, Alajuela: Coordinación de Investigación, Sede de Occidente, Universidad de Costa Rica, 1989. Disponível em: http://www.icomoscr.org/literatura/%5BEG-0125%5D01.Herra.El_BOOM_de_la_literatura_latinoamericana.pdf. Acesso em 10 fev. 2021.

KARAM, Henriette; ESPINDOLA, Angela. O Direito e Literatura pelas margens: o novo Boom latino-americano e a literatura dos silenciados. *Revista Opinião Jurídica*: Fortaleza. ano 18, n. 19, p. 221-242, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/opiniaojuridica/article/view/3158>. Acesso em: 14 fev. 2022.

LA CASA. *Casa de las Américas*. Disponível em: <http://casadelasamericas.org/casa.php>. Acesso em 29 abr. 2022.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem anos de solidão*. Trad. de Eliane Zagury. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 1967.

MONEGAL, Emir Rodriguez. *El boom de la novela latinoamericana: Ensayo*. Caracas, Venezuela: Editorial Tiempo Nuevo, 1972.

NACIONAL, Biblioteca. *Prêmio Camões de Literatura*, 2022. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/premios-literarios/premio-camoes-literatura>. Acesso em: 27 abr. 2022.



SERRÃO, Raquel de Araújo. A hora e a vez do Rosa no Pós-boom latino-americano – a ficcionalização da história sob a ótica feminina. *Olhos d'água*: UNESP São José do Rio Preto. v. 5, n. 1, p. 103-118, 2013. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/view/182>. Acesso em 8 mar 2021.

SOARES, Caroline Ferreira. Boom latino-americano: movimento estético-político ou fenômeno da sociedade de consumo? *Revista PUC-RS*, anais 27. 2015. Disponível em: <https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sihl/assets/2015/27.pdf>. Acesso em 20 fev. 2021.

VALENTIM, Laís Gerotto de Freitas. O casal de protagonistas em De amor e de sombra, de Isabel Allende: uma análise. *Dissertação* (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/28853?show=full>. Acesso em: 27 abr. 2022.

NOTAS DE AUTORIA

Laís Gerotto de Freitas Valentim (laisgfvalentim@yahoo.com.br) é doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2023). Mestra em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM – 2022. É especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela UPM, 2016. Graduada em Letras – Português/inglês habilitação Tradutor/Intérprete pelo Centro Universitário Anhanguera de São Paulo – Unidade Brigadeiro (2013).

Fernanda Reis da Rocha (fernanda.rrocha87@gmail.com) é Doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2019). Mestra em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM – 2015. Graduada em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2012).

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

VALENTIM, Laís Gerotto de Freitas; ROCHA, Fernanda Reis da. Boom latino-americano: por que os escritores brasileiros foram “esquecidos” durante esse período?. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 28, p. 01-13, 2023.

Contribuição de autoria

Laís Gerotto de Freitas Valentim: Responsável pela concepção, coleta de dados e análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

Fernanda Reis da Rocha: Responsável pela análise de dados, elaboração do manuscrito, redação, discussão de resultados.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o



devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 19/01/2023

Revisões requeridas em: 10/04/2023

Aprovado em: 16/05/2023

Publicado em: 07/07/2023

